

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ KELLERSMANN, de Berlim

Mica Moca

Mica Moca Project Berlin é um espaço temporário experimental que está dando o que falar na cidade. Um “milagre de verão” na opinião de Christophe Knoch, um dos fundadores do local, aberto em maio deste ano para durar apenas cinco meses. A história começou em um dia de inverno, quando Christophe Knoch e Frederic Wake-Walker avistaram da janela do trem metropolitano da cidade uma fábrica abandonada no bairro de Wedding. Curiosos, enfrentaram a neve e foram investigar o espaço. Desativado há dez anos, o complexo de 6.500 m² construído em 1873 já abrigou marcenaria, fábrica de cofres, molduras e até lavanderia de casacos de pele.

Christophe conta que tudo aconteceu muito rápido. A primeira visita ao local foi em janeiro. Em abril, após um jantar com o proprietário da fábrica, veio a resposta de que poderiam ter o espaço sem custo de aluguel. A equipe só tinha que se preocupar com luz elétrica, fornecimento de água e segurança das instalações dos três prédios da fábrica. Em maio, o Mica Moca foi inaugurado e fica lá até o fim de setembro, pois o dono, o arquiteto e colecionador de arte italiano Mariano Pichler, tem outros planos para o local: uma aldeia cultural para arte, design e cinema nos moldes de outro projeto seu em Milão.

Foi um golpe de sorte para um grupo de entusiastas que mal se conheciam e praticamente do nada criaram um centro cultural com espaços amplos para todo o tipo de projeto: exposições, instalações, ensaios, performances, espetáculos de teatro, dança, ópera e música. “O incrível disso tudo é um contrato que diz que podemos ou não fazer

as exposições em geral têm entrada gratuita.

Em quatro meses de funcionamento, o Mica Moca já recebeu propostas de quase mil artistas, projetos e coletivos. Por lá, já passaram artistas de 35 nacionalidades: Brasil, Japão, Canadá, Polônia, Itália, França, Espanha, China e muito mais. São projetos sendo apresentados todos os dias.

Os artistas chegam sozinhos ou em bandos. O Labor-Berlin, coletivo que experimenta com revelação manual de película Super 8 e 16mm em um local pertinho dali, ocupou o Mica Moca por quatro dias no início de agosto. A exposição “Intricate machines” reuniu instalações, projeções e performances de mais de 20 artistas. O casal de brasileiros Melissa Dullius e Gustavo Jahn mostrou dois trabalhos em 16mm: a instalação “Guerrero” e a performance “Éternau alterstereo”. A dupla que também assina como Distruktur irá ao Rio no fim deste ano mostrando um programa com produ-

ções recentes no Festival Curta Cinema.

A partir da experiência do Mica Moca está claro que existe um grande número de artistas em Berlim necessitando de um espaço como esse, voltado a projetos experimentais e baseados coletivo de Varsóvia.

O local chamou a atenção já na abertura, dia 8 de maio, atraindo um público de 600 pessoas. “Antes de abrir as portas, criamos uma página na web e postamos no Facebook um chamado para a Festa da Limpeza. Um 20 pessoas apareceram para ajudar. Não tínhamos dinheiro para contratar serviços. A Ópera Cômica de Berlim nos cedeu 85 cadeiras e uma empresa de técnica de luz e som nos emprestou equipamento de primeira linha. Ganhamos uma máquina de café expresso e um congelador. Um piano para concerto que estava parado nos foi oferecido em empréstimo a longo prazo. Os serviços dos engenheiros e dos bombeiros foram de graça. O local é totalmente legal. Temos permissões e mapas de saída de emergência. Um pequeno milagre!”, contou orgulhoso Christophe, um dos cabeças do projeto.

As coisas foram se encaixando de tal forma que o resultado não poderia ser diferente. Berlim é uma cidade aberta, onde as pessoas também estão abertas para absorver novas ideias. É aqui que muitos artistas vivem ou se encontram para criar. Muitos grupos de fora querem se apresentar aqui. Nos eventos no Mica Moca, a divisão da bilheteria é 60% para os artistas e 40% para o projeto. A entrada de espetáculos custa em média €5 e

no processo. O modelo do Mica Moca como “gerador de arte experimental” se baseia em três elementos: espaço, tempo e atmosfera. O espaço inspira os artistas, que por sua vez recriam o espaço. É um lugar de encontros. Após se conhecerem no Mica Moca, dois artistas que nunca tinham se visto antes montaram uma performance para apresentar na semana seguinte. E por que não? O Mica Moca está incentivando e mostrando artistas que ficarão órfãos quando o projeto terminar. Esse foi o tom da carta aberta enviada ao prefeito e secretário da cultura de Berlim, Klaus Wowereit. Em resposta ao apelo do Mica Moca, o candidato (e favorito) à reeleição enviou um representante para dialogar com os organizadores. Mas nada foi acertado, além da promessa de uma ajuda política através de cartas e recomendações para que eles possam encontrar um novo espaço para o projeto em Berlim.

No entanto, segundo Christophe Knoch, o projeto não está associado a uma única cidade. Por que não levar o Mica Moca a Varsóvia, São Paulo, Buenos Aires ou Salvador? Nossa conversa terminou com uma pergunta e Christophe se declarando fã de Jorge Amado. Quem sabe em 2013, ano da Alemanha no Brasil, o Mica Moca possa aterrissar em terra tupiniquim?

Vitrine de arte • Continuação da página 1

Alexandre Gabriel, um dos diretores da galeria paulistana Fortes Vilaça, que representa as duas artistas mais caras do Brasil, Adriana Varejão e Beatriz Milhazes, também estará pelos corredores da ArtRio só de olho.

— Vou como visitante — conta. — A Fortes Vilaça considerou a possibilidade de participar da feira, mas ficamos de fora porque seria um esforço sobre-humano em termos de pessoal já que só neste mês vamos a Londres, Lyon, Istambul e Paris; e, segundo, porque

preferimos ver o que acontece, saber se a feira pega de verdade.

Na opinião de Gabriel, a escolha da data de realização da ArtRio não foi muito boa, pois setembro é o início da temporada de arte na Europa, nos Estados Unidos, e é quando os museus e grandes galerias fazem as primeiras e mais importantes exposições do ano.

Por outro lado, a ArtRio conseguiu vencer um obstáculo pelo qual o Brasil é conhecido internacionalmente: sua elevada taxaço.

Quando uma obra de arte estrangeira é vendida no Rio de Janeiro, 43% de seu

valor são constituídos de impostos. Cerca de 19% dessa taxaço correspondem ao Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICMS). Cientes disso os organizadores da ArtRio procuraram a Prefeitura e o governo do estado e conseguiram isenção de ICMS.

— Queremos mudar a história da arte na cidade e precisamos da ajuda do governo para isso — diz Elisângela.

— Vivemos um momento importante — corrobora Calainho. — Há um crescimento econômico no Brasil, um aumento de colecionadores e de galerias interessados em nossa arte, e o Rio vai

ser muito visto por causa da Copa das Confederações, da Copa do Mundo e das Olimpíadas. A ArtRio é uma aposta certa, um investimento de médio e longo prazo.

Se depender da animação dos organizadores, a feira deve triplicar de tamanho nos próximos três anos. O objetivo do grupo é saltar das atuais 83 galerias para cerca de 260, número suficiente para ocupar os quatro armazéns do Pier Mauá.

Na agenda de Brenda, Elisângela, Accioly e Calainho, pelo menos, a próxima edição da ArtRio já tem data para começar: dia 12 de setembro do ano que vem. ■

Gagosian quer promover arte brasileira

Para Paul Jenkins, da maior rede de galerias do mundo, mercado nacional é ‘insular’

Cristina Tardáguila

cris.tardaguila@oglobo.com.br

Paul Jenkins é um inglês de 49 anos que há dez meses trocou Nova York pelo Rio de Janeiro. Trouxe consigo a incumbência de agir como “olheiro” do americano Lawrence “Larry” Gagosian, o galerista mais importante do mundo. Discreto, passou despercebido todo esse tempo, atendendo a 12 coleções privadas que crescem no Rio, em São Paulo, Minas Gerais e no Nordeste. Está animado.

Formado em Relações Internacionais, Jenkins conta ao GLOBO que Gagosian ainda não planeja abrir um escritório por aqui, mas que o enviou ao Brasil porque não tem dúvidas sobre o potencial e a qualidade da arte brasileira.

— Em toda a América Latina só a Cidade do México e o Rio têm “olheiros” de Larry, e, entre as duas, o uso dizer que o Rio está na frente em potencial.

Desde que chegou, Jenkins mantém-se ocupado, conhecendo artistas, galeristas e colecionadores. Recusa-se a revelar os nomes de seus interlocutores e, alegando confidencialidade, não especifica tampouco quantas obras já negociou.

— A economia brasileira está crescendo, novas riquezas estão se formando, e mais pessoas têm vontade de iniciar uma coleção. Há dinheiro para arte por aqui. Mas, enquanto comemora o



Gustavo Pellizon

PAUL JENKINS: “A arte brasileira está cara, muito cara”

aquecimento do mercado, enxerga riscos. Diz que a produção de arte no Brasil não acompanha o ritmo da demanda, o que leva à alta dos preços.

— A arte brasileira está cara, muito cara — enfatiza.

Mas Jenkins também culpa a “excessiva” taxaço imposta pelo governo ao setor.

— As taxas daqui estão entre as mais altas que conheço — ressalta. — Se o governo brasileiro reduzisse essas barreiras, veria que o fluxo comercial aumentaria e que todos sairiam ganhando.

Apesar de ver um bom momento para a arte nacional, Jenkins foge da palavra “boom”.

— O mundo simplesmente não vê a arte brasileira. Esse tão aclamado “boom” é exagerado, considerando o tamanho do país, a quantidade de artistas e a qualidade de obras.

Jenkins classifica o mercado nacional de arte como “insular”, diz que, apesar de ter crescido, ainda permanece “trancado em si mesmo”, mas avisa que parte de seu trabalho consistirá justamente em colaborar para que a arte brasileira circule mais lá fora.

— Quero montar coleções que misturem peças daqui com peças de fora. Tenho curiosidade para ver como dialogam — ele diz. — O Brasil expandiu o consumo de bens importados, lida bem com a globalização. Precisa, agora, dar o mesmo passo na internacionalização de sua arte. Os estrangeiros simplesmente não veem o suficiente para se interessar de verdade por ela.

Sobre a possibilidade de o Rio de Janeiro ganhar uma galeria Gagosian, Jenkins fala com objetividade:

— O caminho trilhado pela empresa, observado em Hong Kong, Roma, Paris e Genebra, começa com o envio de um “olheiro”. Depois, passa pela instalação de um escritório oficial. Se concluirmos que vale a pena, abrimos uma galeria. Então pode-se dizer, sim, que o Rio está na primeira fase, mas ainda é cedo para fazer alarde sobre o assunto. ■

Realidades imaginárias de Wim Wenders

Retrospectiva exhibe ficção inédita do diretor que renovou o cinema alemão

Rodrigo Fonseca

rodrigo.fonseca@oglobo.com.br

Embora não tenha conseguido cópia do documentário “Pina”, sucesso de público na Europa há quatro meses, a retrospectiva Imagens Que Obedecem, um tributo a Ernst Wilhelm “Wim” Wenders em cartaz de hoje até o dia 18 na Caixa Cultural, garimpou uma atração inédita em circuito brasileiro da obra do cineasta alemão. No sábado, às 16h30m, será exibido “Palermo shooting” (2008), um romance de tintas fantásticas com Dennis Hopper (1936-2010) no papel da Morte. Em 2007 Wenders resolveu homenagear os recém-falecidos Michelangelo Antonioni e Ingmar Bergman com uma trama rodada na Itália mesclando referências a “Blow-up — Depois daquele beijo” (1966), do italiano, e “O sétimo selo” (1957), do sueco. Mesmo indicada à Palma de Ouro em Cannes, a produção não chegou às salas nacionais, passando por aqui apenas na Mostra de São Paulo e em canais a cabo.

“Sou de uma geração que teve a vida salva pelo rock’n’roll. Como idealizei ‘Palermo shooting’ como um tributo a minhas paixões, como Bergman e Antonioni, eu precisava fazer uma



Divulgação

DENNIS HOPPER

encarnou a Morte em “Palermo shooting”, inédito em circuito, com sessão no sábado

declaração de amor ao rock. Por isso escolhi um roqueiro, Campino, da banda punk alemã Die Toten Hosen, como protagonista. No papel de um fotógrafo, ele encarna a arte em luta contra a Morte”, disse Wenders ao GLOBO, quando o filme competiu em Cannes, há três anos.

Sua trajetória coincidiu com um momento de “vacas magras” do cineasta, biografado no longa de abertura da mostra, “Os primeiros anos de Wim Wenders”, de Marcel Wehn (hoje, às 19h). Desde o sucesso de “Buena Vista Social Club” (1999), nenhum de seus longas

de ficção teve o impacto de seus filmes de juventude, entre eles “O amigo americano” (1977), que a Caixa Cultural exhibe nesta sexta, às 19h30m. Tanto que, há três anos, Wenders caça financiamento para “Miso soup”, um thriller de horror que espera rodar no Japão, com Willem Dafoe. Agora, a venda de ingressos de “Pina”, que estreia no Brasil em novembro, pode devolver o cineasta ao patamar do tempo de “Paris, Texas”, ganhador da Palma de Ouro de 1984, agendado pela mostra para amanhã, às 19h.

— Wenders trabalha em

como se fossem outra realidade. Em vários longas, há personagens como fotógrafos ou projeccionistas que dão a sensação de que o filme não é apenas uma reprodução da realidade e sim uma imagem crítica do real — explica o crítico José Carlos Avellar, que participa de um debate na mostra nesta quinta-feira, às 20h, ao lado da professora da UFF Índia Mara e do cineasta Aristeu Araújo. ■

O GLOBO NA INTERNET

Confira a programação completa da mostra oglobo.com.br/rioshow

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
			Eduardo Levy, de Los Angeles			